

Têrça-feira, 14 de Maio de 1957

RUBEM BRAGA

## NOTAS

**P**OR amor aos Condés vamos esta semana à Caruãru, que faz cem anos.

Parece bom o grupo; e eu terei a alegria particular de rever o Recife, onde vivi uma parte de minha pré-história; sei que mudou muito, mas ainda há de haver rios, saca-patel, coqueiros, e até amigos; e «lá têm brisa, Anarina».

O último número (comemorativo do primeiro aniversário) de «Para Todos» traz um impressionante artigo sobre a reabilitação de escritores na Rússia.

Muitos estão sendo reabilitados só para honra da firma, pois foram liquidados nos expurgos stálinistas; outros voltam à luz depois de um longo silêncio; pobres poetas proibidos de cantar! Parece que o Supremo Soviét foi informado, pela leitura da revista «Manchete», de que a poesia é necessária; a cerejeira de Olecha vai florir outra vez. Salve a liberdade e, já que estamos nêsse ramo, vá para o diabo que o carregue o ditador Pinilla e tenha a gentileza de levar consigo Juan Perón, e que outros não demorem a ir também.

Vêm aí — agora os sinais são claros — uma ofensiva geral para entregar a rapadura, digo, petróleo aos «trusts» estrangeiros. A coisa está muito bem montada, dinheiro não falta, nem altas influências militares e paisanas, imprensa, rádio, televisão e provávelmente até escolas de samba. Apesar de tudo eu direi: cuidado, rapazes, o assunto é muito incendiável; cuidado com a roupa.

No mais, Lacerda, Lacerda, Lacerda. Adeus.